

**Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Jornalismo**

MEMORIAL DO PERFIL DE GISÈLE SANTORO

Ana Julia Paiva

**Brasília, DF
2017**

ANA JULIA FERREIRA PAIVA

MEMORIAL DO PERFIL DE GISÈLE SANTORO

Memorial do Projeto de Graduação da aluna **Ana Julia Ferreira Paiva**, apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago

**Brasília, DF
2017**

Ana Julia ferreira Paiva

Memorial do Projeto de Graduação da aluna Ana Julia Ferreira Paiva, apresentado ao Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalismo.

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago, UnB

Orientador

Prof. Dr. Dione Oliveira Moura, UnB

Membro Convidado

Prof. Dr. Ana Carolina Kalume Maranhão, UnB

Membro Convidado

Brasília, DF
2017

Sou estudante universitária. Digo a uma aluna mais jovem, uma dançarina, que o sol está muito baixo no céu. A luz deve estar preenchendo as grutas na beira do mar.

Lydia Davis, *Nem vem*.

Dedico cada palavra e conquista a ela, inspiração para esse trabalho e para minha vida, Tia Gi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a cada experiência que me formou tal como sou hoje, cheia de defeitos, mas também de paixão e esperança. Aos meus pais, professores, amigos e a dança, inspiração e manutenção da minha existência.

RESUMO

Esta é a memória de um projeto editorial chamado *Cuidado que ela bate*. Aqui está descrito o processo de elaboração do perfil, desde o planejamento até a execução. O projeto aborda temas sobre a vida da mestra de balé Gisèle Santoro, com enfoque na realidade dela hoje, mas relacionando também o passado. A intenção deste perfil é refletir sobre a retratação e o que isso envolve. Através da história de uma grande personalidade no Brasil e as durezas que enfrenta no dia a dia. O método escolhido para elaboração desde memorial foi um diário de bordo, textos que refletem sobre a produção, com clareza para as dificuldades, questionamentos e conquistas que o elaborar envolve.

Palavras-chave: Jornalismo literário, Gisèle Santoro, perfil, dança.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS.....	12
2.1. Objetivo geral	
2.2. Objetivos específicos	
3. JUSTIFICATIVA.....	12
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
4.1 Alcançar o perfil.....	13
4.2 Traços da entrevista.....	14
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
5.1 Diário de Bordo.....	17
5.1.1 O que me levou ao perfil.....	17
5.1.2 Primeiros passos.....	18
5.1.3 Os desafios da escrita.....	19
5.1.4 Perfilar Feodorova.....	20
5.1.5 A busca por soluções.....	23
5.1.6 Questões durante a produção.....	24
5.1.7 Questões específicas do perfil.....	26
5.1.8 Análise da postura.....	27
5.1.9 Definido alguns aspectos.....	28
5.1.10 Momentos finais.....	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Este projeto começou a ser estruturado em junho de 2017, mas é resultado de cinco anos de convivência com a perfilada, de palavras acumuladas em todo este tempo. Gisèle Santoro sempre me inspirou com sua personalidade e história. Estar mais próxima e ter a oportunidade de escrever a respeito dela são um privilégio.

O perfil é um gênero que me agrada desde o momento que o conheci, é em síntese o motivo de eu ter escolhido o Jornalismo, para ouvir e escrever sobre pessoas e suas ideias. Para realização desse trabalho fiz uma análise mais minuciosa dos perfis que escrevi no decorrer do curso, além das referências teóricas. Busquei certificar que as falhas nos trabalhos anteriores não se repetissem, e contei com alguns momentos de intensa reflexão sobre o fazer jornalístico e o encontro deste com a literatura.

O perfil de Gisèle Santoro foi uma intensa experiência de aprendizado, e o início de um novo caminho. Compartilho os passos desse processo por aqui com um diário de bordo, que leva este nome por ser um conjunto de textos produzidos juntos ao trabalho, e sobre o processo. Nele constam os desafios, questionamentos e conquistas do caminho da produção.

2. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Refletir sobre a produção do perfil e as implicações do fazer jornalístico neste.

2.2 Objetivos Específicos

- Construir um texto de qualidade que sirva como memória da história de Gisèle Santoro.
- Ser justa e ética na relação com a perfilada e com os assuntos do texto.
- Estar mais próxima ao fazer jornalístico

3. Justificativa

Durante o semestre em que cursei a disciplina de jornalismo literário, e me aproximei mais do gênero do perfil, tive a oportunidade de entrar na casa de Gisèle pela primeira vez. Foi um dia marcante para mim, pois ela é uma pessoa muito especial na minha vida e naquele momento tive uma noção mais clara do quanto ela é interessante.

Olhar para Gisèle sempre foi surpreendente para mim. É uma pessoa que inspira, incentiva a ser melhor e faz parte concretamente da minha carreira como bailarina. O segundo semestre de 2016 foi um período em que Gisèle filha estava fora cursando o primeiro semestre do mestrado em pedagogia em dança, e durante esse tempo eu a substituí nas aulas mais iniciantes. Eu era a auxiliar da Gisèle Santoro mãe caso ela precisasse faltar, e era responsável por dar aulas para as turmas de adulto iniciante e juvenil avançado. Foi o período que comecei a conhecer Gisèle além da sala de aula.

Conviver mais perto dela sempre foi um prazer, mas comecei a sentir também a tristeza e a solidão que a rondam. Vejo nessa oportunidade uma forma de oferecer uma homenagem, um ouvido atento e uma companhia a alguém que tem muito a me ensinar e a ensinar para as pessoas. Desde o início tenho claro na minha cabeça que minha proximidade da perfilada pode atrapalhar o processo, não posso e não quero fazer um perfil derramado sobre Gisèle Santoro. A intenção é usar da minha intimidade e do meu carinho por ela como formas de retratar em palavras uma vida humana, ou seja, cheia de limitações e problemas em mesma instância que possui qualidades, acertos e alegrias.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Alcançar o perfil

O perfil é um gênero de jornalismo literário que nasce do encontro da apuração jornalística com a poética da literatura. Usa de elementos estilísticos comuns da ficção para abordar a realidade, não tem linguagem nem temática restritas. Assemelha-se a ideia de um retrato, mas não tão instantâneo assim. Seria um princípio de biografia, que não pretende abordar toda uma vida. O perfil é mais direto e curto, busca ilustrar o interessante na vida comum.

O gênero recebeu este nome devido a uma editoria da revista *The New Yorker*, criada na década de 1920. Contudo, modos diferentes do texto jornalístico vinham sendo produzidos de forma espontânea há alguns anos. A partir da iniciativa da revista norte-americana o perfil conseguiu espaço para se desenvolver, despertando o interesse de outras revistas e de diversos jornalistas.

Entre os autores que se destacam neste momento estão Tom Wolfe, Joseph Mitchell, Lilian Ross, Gay Talese e Truman Capote. As obras e relatos deles foram base para a produção deste trabalho, e são referências pelo modo de escrita precisa, envolvente e completa. O perfil exige um estudo minucioso e astuto, que não se restringe à narrativa ou descrição, é uma mistura dos dois. O personagem não é retratado com a objetividade do jornalismo convencional, nem com a fantasia das obras de romance, é esmiuçado pela curiosidade de um jornalista e transcrito com a sensibilidade do romancista.

Estes autores moldaram as características do perfil, cada qual a seu modo e estilo, mas um espaço comum foi delimitado, com características importantes para o processo e para o texto. Por meio do modo de trabalho dos autores e da reflexão em torno de suas obras, encontrei um ponto de partida para a produção do perfil de Gisèle Santoro. No livro *Perfis e como escrevê-los* de Sergio Vilas Boas (2003, p.24), algumas destas características são sintetizadas, quando o autor cita os textos da revista *Realidade*:

Chamo atenção para as seguintes características dos textos biográficos de *Realidade*: imersão total do repórter no processo de captação, jornalistas eram atores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao

debate; repórteres assumiam e reconheciam, em primeira pessoa, a dificuldade de compreensão da às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana.

A revista *Realidade* é um marco para o jornalismo literário no Brasil, com grandes autores como Roberto Freire, Narciso Kalili, Luiz Fernando Mercadante e José Hamilton Ribeiro. Outro autor brasileiro influente na minha pesquisa foi o pesquisador Edvaldo Pereira Lima, da Escola de Comunicação e Artes da USP. Em de seus artigos, faz uma síntese sobre a essência que o perfil procura:

O objetivo central não é direcionar o foco de visão a um fato noticioso estreito, mas abarcar a vida como ela é, nas suas grandezas escondidas por detrás das rotinas. Por isso os narradores do real aplicam seu talento a todos os setores da vida moderna, da política à economia, do esporte à viagem, da educação à ciência. Dedicam-se meses a fio para compreender e narrar com propriedade as dimensões humanas, social, econômica de se construir uma casa, de se conduzir um ano letivo numa escola primária, de se realizar uma infinidade de transplantes de órgãos num centro cirúrgico, de se desencadear uma revolução tecnológica no mundo da informática. O elenco de temas é tão vasto quanto a própria vida, a liberdade de pautas é tão flexível quanto a complexa, mutante realidade da nossa civilização em acelerado processo de mudança (LIMA, 2003).

O perfil tem o papel de acessar a empatia do leitor, de ser um relato tão profundo de alguém que se aproxime do lugar comum ao ser humano. É um gênero que exige sensibilidade e também a exposição do próprio autor. Contudo, nem mesmo uma fotografia consegue ser completamente fiel à realidade, e quando o retrato é em palavras também não é possível. Uma existência é complexa demais para ser representada com total fidelidade. O perfil é o gênero que ousa se aproximar, que desafia os jornalistas e os perfilados a se expor e assumir dores e alegrias, com todo o cuidado para se despir das idealizações.

4.2 Traços da entrevista

A entrevista é muito utilizada nos jornais e revistas como ferramenta, e está presente como técnica para coletar informação e reconstruir fatos das notícias. Pode ter vários objetivos, formatos e circunstâncias. Mas a essência da entrevista é o diálogo. E o jornalista é responsável por conduzir e propagar com ética e compromisso as palavras do entrevistado. No *Dicionário de comunicação*, de Barbosa e Rabaça (2001), esta é a definição para entrevista:

O trabalho de apuração jornalística que pressupõe contato pessoal entre repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de notícias. Os noticiários são quase totalmente elaborados com base nesse processo de apuração: é o repórter fazendo perguntas e ouvindo respostas, sobre fatos ocorridos ou sobre ações, opiniões e ideias do entrevistado. (Barbosa; Rabaça, 2001, p. 273)

Falar e escutar estão intimamente ligados com a natureza da comunicação humana e um dos papéis da mídia é dar voz as muitas versões de um fato, mediar o acúmulo de informações e as especulações. A entrevista é um importante instrumento da comunicação, se não o principal, para garantir qualidade e variedade de pontos de vista. E por isso envolve características e exigências muito específicas. A jornalista Eliane Brum comenta sobre a importância do entrevistar:

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais dela quanto o conteúdo do que dizem. Escutar de verdade é mais do que ouvir. Escutar abarca a compreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras — e do silêncio. (BRUM, 2008, p. 37)

Observa-se assim, que o contexto da entrevista vai muito além da atenção às palavras, o contato gera diversos outros elementos importantes a serem analisados e comunicados. E para a produção de um perfil, estas sutilezas serão imprescindíveis. A qualidade das entrevistas realizadas é determinante para que a informação chegue, ainda que não sejam as únicas fontes. A vida de alguém envolve aspectos que não estão em documentos, gráficos e outros registros. A entrevista é chave para o fator empatia, tanto do jornalista com o perfilado, quanto do público.

Os dados são recolhidos pelo pesquisador, presente no ambiente que serve de objeto de estudo, seja com a observação sistemática do que ocorre nesse espaço, seja por meio de conversações mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas, conduzidas com os que desenvolvem os processos de produção. (WOLF, 2008, p. 191)

Desta maneira, assim como afirma o pesquisador Mauro Wolf, vários contextos podem ser inseridos para um melhor entendimento da entrevista. No caso do perfil, toda a vivência poderá ser parte importante do relato, considerando que o gênero busca uma visão profunda do perfilado, que exige convivência para reter o máximo de informações. E, por essa convivência, alguns fatores precisam ser levados em consideração, como afirma Sergio Vilas Boas:

O retrato da pessoa precisa ser construído de modo que as questões interessem tanto ao leitor quanto ao próprio personagem em foco, evitando duas armadilhas ou “farsas” muito comuns, ambas contrárias ao leitor e o bom jornalismo: uma é quando entrevistador e entrevistado se lançam como oponentes implacáveis, agredindo-se mutuamente, sem contribuir com ideias para nada; e a segunda quando um ou outro se põe na posição de defesa, a fim de ocultar mais do que revelar ou de exibir mais do que observar o interlocutor. Lidar com o temperamento às vezes difícil do outro é parte da técnica (e da ética) jornalística. (VILAS BOAS, 2003, p. 21)

A partir das características gerais da entrevista e dos pontos específicos aplicados na técnica para o desenvolvimento de um perfil, é possível traçar um plano de ação, e analisar as experiências do passado como modo de entender melhor o relacionamento que precisa ser estabelecido com o entrevistado. Contudo, muitos desafios terão que ser enfrentados com o uso da intuição do repórter e incentivados pela necessidade de saber e informar.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 Diário de bordo

5.1.1 O que me levou ao perfil

A matéria de Jornalismo Literário me permitiu o primeiro contato realmente próximo com o perfil. Tinha prazer em fazer as leituras e em estar na aula. Paralelo a isso minha carreira na dança crescia e várias oportunidades começaram a aparecer. Minha carga de ensaios e aulas era cada vez maior, mas eu encontrava nas leituras e nas produções um modo de descanso e de incentivo a permanecer no curso. Comecei a ver possibilidades para unir a dança e o jornalismo e esse foi um ponto significativo para mim.

O trabalho final da matéria, jornalismo literário, era produzir um texto nos gêneros apresentados durante o curso: perfil, biografia ou romance. Via no perfil a possibilidade de ouvir e de refletir sobre o que ouvia. Era uma oportunidade nova, e escolher o perfil foi prazeroso e desafiador.

Acabei fazendo uma série com três perfis, que se chamava *O berço da religião*. Eu queria mostrar o quanto a infância e personalidade das pessoas tinha sido afetada pela religião, ou não religião, dos familiares. Contudo, subestimei, e muito, o trabalho que fazer um perfil envolvia. A minha bibliografia foi basicamente os textos lidos na matéria, e escrevi o perfil baseada no que sabia — ou achava que sabia— dos perfilados e em algumas entrevistas com os próprios.

A falta de tempo e de dedicação minuciosa aos perfis resultou em textos pobres em detalhes, com poucas fontes e pouco embasamento teórico. Não fiquei nem um pouco satisfeita com o processo final, mas o prazo estipulou a entrega do trabalho mesmo assim. Quando recebi os textos corrigidos percebi o quanto fui superficial na minha abordagem e resolvi que esse projeto era importante para mim, esse material está guardado para ser refeito no futuro.

No semestre seguinte comecei a disciplina de pré-projeto e decidi que faria uma revista sobre a dança em Brasília, poucas matérias haviam sido definidas, mas eu estava certa de que um espaço nessa revista seria dedicado a dois perfis, o de Eugenia Feodorova e o de Gisèle Santoro. Estava cursando também a disciplina Campus Repórter e por saber da temática do meu TCC os professores Paulo Paniago e Ana Carolina Kalume sugeriram que

eu escolhesse um tema que me ajudasse no projeto final. Resolvi então fazer o perfil de Eugenia Feodorova para a revista *Campus Repórter*, por conta da data de lançamento, e acabei achando mais apropriado somente um perfil no meu produto do projeto final. A experiência de fazer o perfil de Feodorova trouxe uma noção mais clara do que era esse gênero e do quanto me exigia esforço e trabalho. Novamente as questões de tempo por conta dos muitos compromissos com a dança dificultavam o processo, mas por fim, a publicação da revista não aconteceu. No período das férias de julho recebi três grandes propostas como bailarina. Todos esses projetos são para 2018, e foi então que decidi dar meu máximo para concluir o curso de Jornalismo na UnB.

Diminuí meus compromissos com a dança e reservei horários para ter o estudo como prioridade, durante esse planejamento percebi que seria inviável produzir uma revista inteira em quatro meses, eu não queria fazer um trabalho mal feito e devido ao tempo precisava adaptar minha escolha, para tornar mais alcançável meu objetivo de me formar com quatro matérias e TCC no último período.

Após muita reflexão defini pelo perfil de Gisèle, a ideia mais plausível. Foi a forma que encontrei de me aperfeiçoar no gênero que mais me dediquei nos últimos semestres, e com o qual me identifico dentro das possibilidades do fazer profissional. A decisão implicou ação e este trabalho começou a ser formulado com mais propriedade desde então.

5.1.2 Primeiros passos

No começo do segundo semestre de 2017, dediquei-me à leitura e reflexão sobre perfis e a análise dos que eu tinha produzido. Rer ler os perfis que produzi para a matéria de jornalismo literário foi muito interessante, primeiro por que percebi o quanto os textos estavam pobres e confusos, e segundo por que a minha convivência com os perfilados me apresentou a pessoas completamente diferentes hoje, um ano depois. Minha apuração foi simples e superficial, há uma essência de cada um deles nos perfis, mas se transformado num retrato, esses perfis estariam cheios de edições e efeitos.

Renato Fernandes e Caroline Magalhães são dois dos perfilados que escolhi para a série. Continuo convivendo com os dois, e vários pontos importantes sobre quem são não estão no meu perfil. É claro que as pessoas mudam e é muita pretensão querer saber de todos os detalhes, mas acredito que eu soube muito pouco. Se fosse reescrever esses perfis hoje eles

seriam diferentes e bem mais completos. Quanto a Gisèle, convivo com ela há seis anos, conheço boa parte da vida e da personalidade dela, acredito que minha dificuldade maior esteja em filtrar o que cabe nesse perfil. Outro ponto interessante, é que Renato e Caroline estão em fases de crescimento e consolidação profissional, o que é o oposto da realidade de Gisèle.

O tempo é realmente um elemento chave para o entendimento e visão de mundo de uma pessoa, espero que o perfil de Gisèle venha a ser mais assertivo e coerente por conta desses dois tempos, o de convivência e o de vida. No caso do meu outro perfilado para a série de jornalismo literário, Jorge Luiz, a convivência foi muito rápida, e este é o perfil mais distante que fiz. Parece que o texto não cresceu, continuou na inocência dos primeiros anos.

Um relacionamento é construído aos poucos e diante das oportunidades que encontra de convívio, me comunico com o texto assim como com alguém, é necessário paciência, disponibilidade e identificação para seguir adiante. As palavras deste perfil saem diferentes e mais organizadas pelos fracassos e acertos do passado, mas cada novo texto exige um novo olhar, é como começar um processo do zero todas às vezes, e aos poucos ir se sentindo mais preparado. Meu modo de escrita mudou muito desde os primeiros perfis, mas ainda há muito a ser refinado e entendido.

5.1.3 Os desafios da escrita

A folha em branco é sempre um desafio, a primeira palavra de um texto é provavelmente a mais difícil de encontrar. Para mim é um prazer falar sobre a Gisèle, mas o que falar dentre tantas coisas?

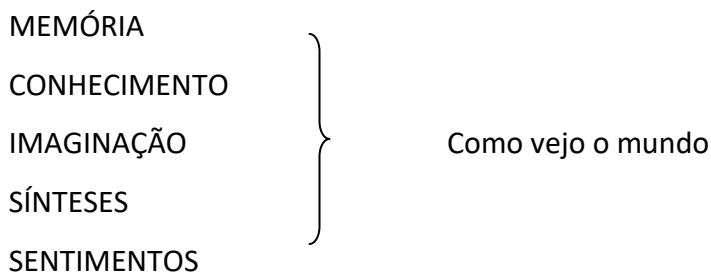
Os primeiros dias da escrita deste perfil têm sido difíceis, me deparo com preguiça, com falta de costume e com uma cobrança que me desestabilizam emocionalmente. O grande desafio desse início foi me colocar como escritora, praticar da escrita assim como faço nas aulas de dança, entrar nesse lugar de botar tudo para fora e depois organizar toda a bagunça do que saiu.

Na dança utilizamos da técnica para oferecer caminhos mais inteligentes para a movimentação do corpo, a ideia é ir além, mas a base é um instrumento precioso. Tenho entendido que não é muito diferente na escrita, a pesquisa e leitura são meus grandes aliados para que esse projeto flua, tenho assistido a entrevistas de grandes autores do

jornalismo literário, mantenho uma rotina de leitura de perfis diária e tudo que acontece a minha volta parece colaborar para a construção desse retrato de vida que me propus a fazer.

Só tive uma dimensão concreta da quantidade de informações que tinha acumuladas e da quantidade que ainda precisava quando comecei a tentar estruturar as ideias. E isso me assusta. Sinto responsabilidade demais, e estas pequenas e extraordinárias histórias parecem só caber dentro da cabeça de Gisèle mesmo, jamais em papel.

Meu primeiro direcionamento veio de um livro indicado pelo meu orientador, *Perfis e como escrevê-los*, de Sergio Vilas Boas. A primeira parte do livro é uma espécie de ensaio sobre o que seria um perfil, e depois segue uma pequena coletânea de perfis do autor. A parte “teórica” me ajudou muito mais que os exemplos que estão no livro. O debate sobre o que é o perfil e o que cabe ao jornalista buscar e entender no processo de dar vida a esse gênero me fez esboçar algumas divisões para meu trabalho.



A ideia era utilizar dessas estruturas como guias para tentar entender Gisèle de um modo mais completo. Tenho muitas lembranças e ela é uma perfilada com muito conteúdo, essa primeira tentativa foi de situar tudo que eu sabia e tudo que precisava saber. Mas, as informações não chegam ordenadas e comecei a viver situações e momentos com Gisèle que misturavam todas essas formas de ver o mundo ao mesmo tempo. Separar “categorias de vida” me deu certo conforto no início, mas aos poucos fui me perdendo completamente desse objetivo.

4.1.4 Perfilar Feodorova

O perfil de Eugenia Feodorova, que produzi para a revista *Campus Repórter* no decorrer do ano de 2017 foi um grande laboratório para o de Gisèle. Quando apresentei a pauta aos professores nos interessava a coincidência dos números, dez anos da revista e dez anos de

falecimento da bailarina e professora. A vida dela foi intensa e intrigante, é um assunto com aparente interesse social.

Mas foi um desafio que topei às cegas. Eu não fazia ideia do quanto pesquisar sobre a vida dela seria complexo e foram grandes dificuldades não ter a chance de conhecer a perfilada e estar longe de onde grande parte da história e memória dela se encontram, no Rio de Janeiro. Não tive acesso presencial aos lugares que ela foi, as pessoas que conviveram com ela e tampouco a arquivos pessoais. Essa falta da experiência mais palpável me faz refletir se posso realmente chamar esse texto de perfil.

Tendo como referência o texto de Gay Talese, no perfil *Sinatra está resfriado*, percebo a grande falta de sensibilidade para memorizar e reproduzir o que ouvi. Talese tem um jeito direto para descrever, não precisa de muitas palavras para gerar imagens do que conta. Querer atingir o nível de compreensão de Gay Talese é pedir demais para um graduando, contudo, a primeira lição com esse perfil foi estar mais atenta aos detalhes, me encher de informação e depois filtrá-la. Descobri logo que esse é o grande desafio de se atrever a falar sobre alguém.

O que meu perfil sobre Eugenia tem em comum com o perfil de Sinatra é que os perfilados não eram fontes acessíveis, as palavras deles eram citações de terceiros. Ter acesso ao que uma pessoa fala de si pode gerar um ponto de partida. O que é pensado ou lembrado pode ser muito vago e tendencioso, cada informação recebida precisava ser investigada e comparada com as outras narrações. A sensação, como eu digo no perfil, é a de estar montando um quebra-cabeça.

Talese não teve a opinião do próprio Sinatra na produção, assim como eu não tive a opinião de Eugenia sobre si mesma, mas o acesso dele à imagem, mesmo que de longe, e as qualidades de bom observador fizeram do perfil a obra de arte que é. Realizou mais de cem entrevistas com membros da equipe, demorou três meses no processo de apuração e gastou em torno de cinco mil dólares em despesas. Minhas descrições de personagens ou da ambientação estão sempre relacionadas à voz, que foi o que consegui acessar, a comunicação era impessoal e complicada. Gisèle aparece no perfil, e foi meu único encontro presencial, ainda assim, é uma descrição crua e simplista do momento.

Quanto à falta de técnicas do jornalismo, foi um problema em algumas entrevistas e também na falta de um olhar mais crítico a algumas questões. A primeira versão do perfil estava muito idealizada e simples, apresentava poucos entrevistados e dados incertos ou

confusos sobre a história da perfilada. Por meio das provocações do meu orientador consegui perceber o quão além eu poderia ir com a história, o quanto meu olhar estava distante de Eugenia e tendencioso por ter pouco conteúdo sobre ela. A segunda versão foi muito mais apurada e completa, e na terceira eu estava a questionar e encontrar mais fontes, mas aí era tarde demais.

A técnica que me foi ensinada durante o curso parecia muito teórica, tive pouco acesso à prática da profissão por não ter feito estágios, e as experiências no próprio curso foram poucas e muito superficiais. Não culpo a estrutura do curso ou os professores, acredito que esse problema está relacionado a mim e a forma que lidei com as disciplinas. A dança sempre foi minha prioridade, mas o jornalismo me faz bem e me interessa muito. Por fim, me deparei com um abismo de possibilidades e questões, e tive que revisar conteúdos e reler alguns textos para lidar melhor com a situação. Minha primeira apuração foi comprometida por falta de dedicação, as dificuldades eram barreiras que me estagnavam no processo. Foi difícil ter acesso aos números de telefones, ao livro escrito sobre ela, às pessoas que moraram com ela, mas com um olhar mais cuidadoso a história e as possibilidades da internet os acessos aconteceram. Faltava a persistência do jornalista.

Quanto ao problema nas entrevistas, sinto que quando entrevistei Gisèle Santoro (antes de decidir que seria meu próximo perfil), o meu preparo foi muito pouco. Ela me apresentou Eugenia, me situou sobre a história dela e basicamente direcionou meu texto. Não houve uma pré-apuração de qualidade e foi de modo parecido com Isolina Rabello. As duas primeiras entrevistas estruturaram a primeira versão, e a falta de preparo e técnica na condução resultou em um texto pobre. Outra dificuldade minha com as entrevistas foi em lidar com pessoas da terceira idade, falavam a seu próprio tempo e vontade e tinham problemas com as tecnologias. Minha postura foi de reverência todo o tempo, e não via outra maneira. Todos os entrevistados me trataram bem e estavam disponíveis a ajudar, mas exigiam cuidados e paciência, principalmente com Maribel Portinari, que está com Alzheimer.

Na entrevista com Portinari, autora do livro que conta a história de Eugenia, não consegui formular nem uma pergunta. Ela estava claramente com dificuldades para me ouvir, gritava ao telefone e variava entre as palavras sim, não, muito bem ou claro. Começou me dizendo que não escreveu um livro, e sim um artigo. Fiquei constrangida e sem jeito com a situação, a ligação não durou nem três minutos.

A partir desses desafios com o perfil de Eugenia Feodorova consegui determinar alguns pontos importantes para escrever com mais qualidade sobre Gisèle Santoro. Em resumo, o perfil me exige uma apuração muito mais específica do que de uma matéria convencional, todos os sentidos precisam estar atentos ao que ronda a história dessa pessoa, e por ter um acesso íntimo à vida da perfilada isso me oferece muitos privilégios, mas também excessos de informações que precisarão ser filtradas depois.

Estive a me adaptar e criar meus próprios métodos para escrever e lidar com tudo que envolve a construção de um perfil. Sinto que sem as entrevistas mal feitas sobre Eugenia não teria a visão que tenho e as técnicas continuariam em um campo muito teórico. A última entrevista que fiz sobre Eugenia foi bem confortável e produtiva. O que me provou que a experiência é a melhor escola.

O resultado final do texto sobre Eugenia não me agrada completamente, acredito que está longe de um bom perfil, e refletir sobre o que seria o gênero me fez perceber que na verdade não falo sobre Eugenia Feodorova, meu perfil é muito mais sobre a memória dela. Considerando o perfil como retrato de uma vida, percebi que esse texto só poderia ser chamado perfil se fosse um retrato do que ainda vive de Eugenia Feodorova. Essa mudança de perspectiva gerou muitas possibilidades de apuração e abordagem, mas veio tarde demais. O prazo de entrega chegou, e o texto poderia ser muito mais.

Gerenciar o tempo e buscar referências tem se tornado regra para construir um bom texto sobre Gisèle. Essa análise dos meus equívocos e faltas direciona a elaboração do trabalho para um novo rumo que revisa e contesta aprendizados desses últimos anos de estudo e me introduz a novas perspectivas para atuar na profissão.

5.1.5 A busca por soluções

Dentre os métodos que descobri para me concentrar foi misturar a dança com a escrita. Expressar o que tenho a dizer nas duas formas com que mais me identifico. Cada página escrita me daria o direito a improvisar em uma música. É o jeito que encontrei para ficar acordada e também para não focar todo meu sentimentalismo no texto. Por muitas vezes me emocionei ao escrever, ouvir ou pensar na história de Gisèle, e sempre foi uma preocupação não deixar o texto fanático ou meloso.

Neste mesmo sentido, não tem sido uma boa ideia escrever no mesmo dia que conversei com ela sobre o perfil, pois volto muito comovida. Passei a dedicar um dia para apuração e

estudo de modelos e autores de referência e outro dia para escrita e desenvolvimento do texto. Aos poucos estou conseguindo me envolver menos com a retórica dela e tentado observar pontos mais profundos e significativos das opiniões e atitudes. Mantive essa rotina por uns 20 dias, convivendo intensamente com ela e em vários locais diferentes, dedicando tardes inteiras a dirigir, ajudar e fazer companhia.

A ida ao teatro, visita durante um resfriado, apresentação de um número no cine Brasília e os diversos outros programas deram origem a vários pequenos textos, e construíram um quadro de características importantes da personalidade. As conversas começaram a ser mais frequentes e a me esclarecer vários pontos, mas tive dificuldade em conduzir as entrevistas. Ouvi as mesmas histórias centenas de vezes, o assunto saía do foco e depois de mil voltas ela acabava não respondendo o que eu perguntei.

Fui conhecendo-a cada vez melhor e entendendo os momentos adequados para perguntar ou calar, dediquei alguns dias para assistir várias das entrevistas que ela concedeu, me informei em diversas fontes da internet e em conversas com pessoas que a conhecem bem. Aos poucos minhas perguntas foram diminuindo e as coisas faziam mais sentido. Percebi que ela era mais aberta a falar quando tinha um público, e assim comecei a levar amigos comigo em algumas ocasiões, interferir na fala dela não funciona, até por que ela não ouve bem, mas descobri maneiras sutis de conduzir a conversa a rumos diferentes do que ela sempre insistia em repetir.

Comecei a gravar nossas conversas, pois tinha medo de esquecer o que ouvia, para mim cada coisa era importante e passei a mudar meu estado de concentração quando estava perto dela. Aquietava para escrever e facilmente saíam quatro ou seis páginas, toda informação era fascinante. Por fim, nunca ouvi a nenhuma das gravações, minha cabeça fervilhava em ideias e escrita fluía. Utilizei da minha (má) memória como filtro do que realmente é importante, e isso gerou o esqueleto para o texto.

5.1.6 Questões durante a produção

No livro *Jornalismo e literatura — a sedução da palavra*, de Gustavo de Castro e Alex Galeno, os autores debatem o fazer profissional do jornalismo e as questões filosóficas que envolvem o encontro com a literatura. O prefácio situa o desenvolvimento e a consolidação dos gêneros no decorrer da história e faz pequenas relações entre o que os diferencia. A

relação entre jornalismo e literatura é confusa para mim, e sinto a necessidade de entender melhor.

O primeiro capítulo é um depoimento de Moacyr Scliar que conta que apesar de não ser jornalista e ter a função de cronista na redação, escolhia estar sempre no ambiente por conta da convivência com jornalistas e tudo que eles poderiam ensinar. Os pontos que ele destaca como importantes são: escrever de forma sistemática, ou seja, com ou sem inspiração, ser mais objetivo e aprender a ser sintético. São características que ele acredita que acrescentaram ao texto e a experiência dele como escritor. A fala do autor me remeteu aos ensinamentos do decorrer do curso, e o quanto meu modo de escrever mudou desde quando iniciei os estudos no jornalismo.

O livro me lembrou algumas coisas que eram grandes debates nos meus primeiros semestres e que acabaram sendo aceitas como entendidas no decorrer do curso. A neutralidade no jornalismo, os modelos mercadológicos e a forma de enxergar a notícia e a demanda por ela. Abstive-me dessas questões em função de perceber a prática de um mercado.

Percebi ainda mais a necessidade de aprofundar em algumas técnicas do jornalismo como, por exemplo, o conceito do lead como uma forma de buscar a objetividade e técnicas de entrevista para lidar melhor com minha perfilada e com as pessoas ao redor. Notei também uma necessidade de mais leitura e aprofundamento em algumas técnicas literárias, a fim de melhorar minha descrição e até mesmo vocabulário no texto.

A literatura é um universo de possibilidades de pesquisa e dilemas. Como os eternos questionamentos sobre a neutralidade do narrador e os limites entre ficção e o real. Identifico-me muito com essas questões e cheguei a pensar que escolhi o curso errado, que aprender sobre os gêneros e sobre a língua portuguesa me interessariam muito mais do que o texto jornalístico.

O estudo destas questões me levou a pensar se eu merecia mesmo o diploma de jornalista, comecei a avaliar o curso e o que tinha aprendido e a conversar com vários colegas para entender como estão lidando com as dificuldades da profissão.

Tenho buscado entender como os últimos cinco anos dedicados ao jornalismo me fazem uma profissional, identificar o lugar deste diploma na minha vida e onde ele me coloca dentro do mercado de trabalho. A verdade é que o jornalismo está passando por um momento de adaptações de modelos, os currículos também, e nós alunos estamos muito

confusos. Somos ensinados com teorias que não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças, a profissão deixou de exigir um diploma para ser exercida em nome de um mercado de trabalho cada vez mais exigente, e em áreas muito específicas.

Esse trabalho é o primeiro passo de novas formações que irão começar. A vida é fonte inesgotável de conhecimento e tentarei usar das minhas lembranças (mesmo as ruins) para moldar um caminho melhor. Sou grata às técnicas e reflexões que estudar aqui me possibilitou, e quero ir além.

5.1.7 Questões específicas do perfil

Tenho pensado bastante no enquadramento do meu perfil, com que ele está parecendo mais. Fiz uma leitura da maior parte dos perfis publicados pela revista *Campus Repórter*, e comecei a analisar o texto desses alunos. Percebi que, na minha visão, os textos se parecem muito mais com uma reportagem do que com um perfil literário. E acredito que o meu perfil da Eugenia ficou também com essa característica.

Parece que falta poesia, proximidade e ambientação para acrescentar esse literário. Quando leio um perfil de Gay Talese ou de Joseph Mitchell consigo entrar em um universo à parte, um acesso à empatia e a realidade do ser humano. Parece que as muitas e longas citações de terceiros me afastam da essência do perfilando. E as explicações minuciosas demais sobre lugares, períodos e termos também.

Quando leio *O segredo de Joe Gould*, escrito por Mitchell, entro em um trem que tem um ponto de partida e um ponto de chegada, não há vontade de parar no meio. Às vezes quero saber mais sobre uma informação, entender melhor, mas passo por aquilo e dependo do autor. O não dito acaba por criar um Joe Gould que talvez se pareça mais comigo e que pode ser bem diferente para outra pessoa que leia. Entendo essa característica como a grande influência da literatura no texto.

É claro que a apuração é profunda e detalhada, cada detalhe era observado e levado em consideração no contexto. Essa preocupação com se aproximar o máximo o possível da verdade, mas saber que ela nunca será objetiva é o que mais me interessa no perfil. Não é só sobre juntar uma série de fatos e citações, é também sobre permitir diferentes interpretações, observar uma pessoa a ponto de ter coragem de dar uma opinião.

As técnicas de reportagem são a base para a construção do perfil, mas além de jornalista, que seria um observador em busca da neutralidade, é necessária uma sensibilidade extra de

artista. Que expressa esperando as diferentes visões que irão surgir e tendo consciência de que estas também fazem parte do texto.

E neste sentido volto a comparar a técnica da escrita com a dança, as duas exigem muita prática. Cada texto apresentado ao meu orientador vinha com vários erros, e aos poucos eles foram diminuindo. As palavras repetidas e os acentos foram encontrando posições, assim como um corpo se ajeita para dançar. O exercício que antes era tão complexo passa a ser um pouco mais acessível, passando ao confortável e natural e dando origem a novas possibilidades.

5.1.8 Análise da postura

É incrível como entrevistas me trazem de volta ao que amo fazer no jornalismo. A relação com as pessoas, ouvir atentamente as muitas versões para um mesmo acontecimento e se colocar em uma posição de certo poder para mediar o que não coincide.

Assisti ontem ao filme *Capote*, a história do julgamento de um assassinato no Kansas que foi minuciosamente acompanhado pelo jornalista e escritor Truman Capote. A apuração levou três anos e as centenas de pessoas que foram ouvidas deram origem ao livro *A sangue frio*.

Os filmes são, em geral, mais poéticos que a vida. Mas o que mais me instigou foi o modo de lidar com os entrevistados e de manipular as situações, muitas das atitudes do jornalista eram antiéticas e, a meu ver, desumanas. Entrei em uma reflexão profunda sobre a relação que temos com as pessoas ao apurar uma notícia, a postura de superioridade que é necessária para escrever sobre alguém ou sobre algum fato. É fácil se achar o dono da verdade.

Grande parte de minhas entrevistas para este perfil são com pessoas conhecidas e com as quais tenho certa convivência. Elas se abrem para mim e debatem a informação com muita naturalidade e simpatia, inclusive Gisèle. Tenho muita preocupação com a ética, em esclarecer o que é o trabalho e qual é o meu enfoque. Tenho sido honesta com todas as pessoas que entrevistei, mas uma delas eu acredito que não tenha muita dimensão do que está sendo esta pesquisa, a perfilada.

Gisèle se sente muito à vontade com minha presença e tem desfrutado da minha companhia. Ela é muito sozinha e carente de pessoas, cada momento que passo com ela é um grande prazer, amo ouvir as histórias e opiniões. Contudo me sinto um pouco

encurralada pela necessidade de fazer algo para mudar a triste realidade que ela vive. Não vou conseguir escrever tudo isso sobre ela e não fazer algo para contribuir.

Talvez o filme tenha mexido comigo por conta disso, Capote se apegou ao assassino das vítimas, que estava condenado à pena de morte. Não havia nada que pudesse fazer para salvar a vida dele, mas fez muito para que o homem tivesse mais tempo e até alguma alegria e esperança.

O perfil lida com esse lado cru, uma linha tênue entre o real e um imaginário muito particular. Colocar à tona uma visão além e fala o que normalmente não é dito. Não sou e espero nunca ser a dona da verdade, mas posso apontar novos caminhos, e esse processo de descobrir novas visões dela desenterra novas formas de olhar para mim e para minha história.

A maior proximidade com Gisèle me aproxima da natureza do perfil, uma conversa do autor de uma vida e de um observador desse autor. É uma relação que exige paciência, cautela e muita atenção. Acredito que minha calma e respeito com ela colaboram, e muito, para nossa convivência e para a construção do texto. Gisèle foi convidada para dar uma palestra sobre a própria vida no terceiro Ateliê Internacional da São Paulo companhia de dança, em Campos de Jordão e me convidei para ir como assistente.

5.1.9 Definido alguns aspectos

Como saber o que é realmente importante a se considerar na personalidade e na vida de alguém? Tudo, absolutamente tudo, que passei está em algum nível ligado a quem sou hoje. Como separar os retalhos de uma grande colcha? Cada um deles é uma parte importante e imprescindível, independente do tempo de estadia e do nível de intimidade, somos sempre moldados pelas pessoas e situações que nos cercam.

Todas as informações que tenho de Gisèle não representam quem ela é, e por isso passei a pensar neste perfil como um destes retratos. Uma fotografia pode ser uma obra de arte, trazendo reflexão e emoção, e apesar de estar próxima da realidade ela jamais vai atingir a profundidade do ser. Comecei a me colocar como uma fotógrafa de Gisèle, da realidade da vida dela hoje. O passado não pode ser esquecido, o cenário do retrato é extremamente importante, mas este será só um retrato dentre os milhares que ela tem da vida.

Quando consegui organizar tudo para viajar com Gisèle me senti muito aliviada. Sabia que acordar e ir dormir junto dela por cinco dias seria esclarecedor, e conduziria o perfil a novos

rumos. A essa altura havia feito uma junção de todos os textos que escrevi, mas não estava satisfeita, aquele estava longe de ser o texto final e tinha uma linguagem muito bibliográfica.

A viagem é uma oportunidade de ver Gisèle se relacionando com pessoas diferentes, com gente importante. Sair do habitat pode gerar mais sensibilidade, e me aproveitarei deste estado emocional em mim e também nela. Gisèle ficou muito feliz quando confirmei que a acompanharia, ela não gosta mesmo de estar sozinha e sabia que eu iria realmente a auxiliar em tudo que precisasse. Ficou extremamente chateada quando entendeu que eu não estava no mesmo voo que ela, por questões financeiras, mas logo se encarregou de me passar uma mala de partituras originais do Cláudio Santoro para levar. Meu trabalho começou aí.

5.1.10 Momentos finais

A semana em Campos do Jordão foi realmente esclarecedora. Tive a chance de estar com ela e ouvir o que tinha a dizer em diversas situações. Foram cinco dias intensos, e as coisas pareciam acontecer para que o perfil funcionasse. Durante o dia eu anotava algumas falas importantes ou perguntas a serem respondidas, e por vezes sem que eu fosse direto ao ponto a perfilada me indicava a resposta. Pude conversar com pessoas que a conheciam há muito tempo e gente que foi apresentado a ela na ocasião do curso.

As relações que foi construindo ou retomando me informaram muito sobre ela, e o próprio modo de me tratar também. Percebi o quanto o dinheiro e a política são importantes e que ela é coberta por muita vaidade. Notei o apego a história com o Claudio e o quanto ele é importante na personalidade dela e nas escolhas que fez e faz. E principalmente, vi suas fragilidades, medos e esquecimentos. A imagem sempre forte e determinada deu lugar a uma pessoa comum, de pele e osso e não de aço.

No decorrer dos dias comecei a me estressar com as muitas reclamações dela, a intolerância e a grosseria. Senti falta de estar sozinha e de poder tomar minhas decisões sem precisar pensar nela. Mas ao mesmo tempo, me interessava ainda mais pelas histórias que contava, e passei a ouvir as mesmas coisas de um modo um pouco diferente. Fiquei surpresa com a capacidade que Gisèle tem de ser amada, de convencer e de conquistar as pessoas. Ouvir o que tinham a dizer para ela também me forneceu novos panoramas e perguntas. Foram dias de estar completamente imersa no perfil.

Ao fim do curso ela foi direto ao aeroporto e eu fiquei hospedada em São Paulo, foram dois dias de solidão e imersão total na escrita. Sentar e colocar tudo que passava em minha

cabeça em ordem foi um processo muito necessário. Estive trancada no quarto do hotel por quase todo o tempo, e segui no método de uma página escrita e uma dança improvisada. Decidi organizar o material que já tinha para o perfil primeiro, antes de escrever coisas novas.

O texto dobrou de tamanho, e minha releitura foi essencial para estruturar melhor algumas informações e me ajudar a construir uma lógica para o perfil. A viagem teve realmente a função de organizar as ideias, e ao final da minha revisão do texto eu já sabia o que queria. Fiz a mesma revisão com o memorial e com o material teórico, e assim elaborei a forma do perfil.

A ideia do retrato fez muito mais sentido e comecei a me colocar como quem realmente procura esse retrato, passei pelas lembranças e comecei a buscar um momento que retratasse com clareza para mim quem era Gisèle. Logo me veio à vontade de assumir essa busca no perfil e formulá-lo em três partes, nos bastidores do retrato, arredores do retrato e na retratação. Foram três momentos que fazem do que é este perfil. Eu já sabia o que deveria ser feito, e daí a versão final ganhou seu primeiro corpo.

Decidi não escrever sobre a viagem nos primeiros dias, por conta do fator envolvimento. Nos últimos momentos vivi muitas emoções com Gisèle e não queria que isso interferisse no texto, nem o estresse e nem o carinho. E de volta a Brasília, com a rotina na dança a mil e nas outras matérias da faculdade também. Levei em torno de uma semana para conseguir concluir o perfil. Cheguei do curso entusiasmada para contar cada detalhe do que tinha vivido, mas aos poucos percebi que aquela viagem não era Gisèle também, levar alguns dias para escrever sobre me ajudou a colocar a experiência como mais um momento com ela, e não necessariamente como um grande momento revelador.

No perfil a viagem acabou por estar nessa posição, de momento chave para o retrato perfeito. E foi. Contudo, talvez esse momento pudesse ter acontecido aqui em Brasília também, percebi que só consegui olhar com clareza para Gisèle no momento da viagem por conta de toda a pesquisa e todos os momentos que passamos antes. Entendê-la melhor foi resultado das trinta entrevistas que realizei com pessoas ao redor e das outras várias que fiz com ela, e não necessariamente de estar no mesmo quarto por cinco dias.

O minucioso trabalho de apuração já estava feito na ocasião da viagem, as entrevistas fluíam bem por que eu já estava munida de tanta informação que conseguia ir além da visão superficial. É claro que o tempo e as oportunidades foram partes essenciais para que o perfil

cheguei no ponto que chegou, mas a dedicação foi o principal elemento. Espero que este perfil sirva como uma reflexão sobre o processo de se conhecer alguém, muito além das respostas certas e das grandes descobertas me alimentei da busca. Espero que quem leia o perfil tenha a chance de se sentir incomodado com o não dito e pessoalmente reconhecido em todo o dito.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi um desafio para mim em muitos sentidos, primeiro por me exigir tanto tempo de dedicação em detrimento das aulas de dança e ensaios. E também por necessitar da sensação de capacidade para escrever um perfil e também para escrever sobre Gisèle.

Os desafios de adaptação a este tipo de processo de criação eram muito confusos no início, mas aos poucos a experiência com a dança colaborava ativamente com a produção do perfil. E não só em conteúdo, por muitas vezes na disciplina, na metodologia e nas muitas metáforas que criei em minha cabeça. Contudo, meu modo de criação continua sendo lento e indisciplinado, preciso praticar mais a agilidade na escrita. O texto levava muito tempo para ganhar forma e chegar a lugares certos.

Muitas crises vieram, com questionamentos sobre meu preparo, merecimento e habilidades para o jornalismo. Com a prática, a paciência do meu orientador e o tempo estas questões se transformaram em motivação e sede de conhecimento. A produção final não me agrada completamente, o estudo de técnicas literárias e das minúcias da vida de Gisèle me estimulam a continuar, mas entraria no ciclo das reflexões mais profundas do pensamento. Precisei aceitar o perfil como um retrato, ainda que quisesse escrever um álbum inteiro.

As entrevistas me aproximaram das pessoas e de quem é Gisèle, e as leituras eram impulso para novas questões e buscas. Outros gêneros literários foram aparecendo, e o interesse crescendo. Esta produção me permitiu estar próxima da profissão, da essência do que foi o curso e do que quero ser como profissional. Não foi o tipo de trabalho que respondeu todas as dúvidas, pelo contrário, trouxe dinâmica para o conhecimento, para a vida e para o meu próprio perfil.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUM, Eliane. *O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real*. São Paulo: Globo, 2008.
- JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista, o diálogo possível*. 4a. ed., São Paulo: Ática, 2000.
- MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- PRADO, Magaly (org.). *Técnicas de reportagem e entrevista, v. 3 - Roteiro para uma boa apuração*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
- SALLES, João Moreira. *O homem que escutava*. In: MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 139-57.
- TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- VILAS BOAS, Sergio. *Perfis — e como escrevê-los*. São Paulo, Sunxmus, 2003.
- WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CAPOTE [Capote]. EUA, 2005. Cor. United Artists. Direção de Bennett Miller. Com Philip Seymour Hoffman, Catherine Keener, Chris Cooper. 114 min.
- JOE Gould's secret [Contos de uma certa Nova York]. EUA, 2000. Cor. Bohemian Productions. Direção de Stanley Tucci. Com Ian Holm, Stanley Tucci, Hope Davis. 104 min.
- SANTORO – O homem e sua música. DF, 2015. Direção de John Howard Szwerman. 85min.
- AMATE, Elisson Tiago Barros. *Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística*. 2013. 123 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- AZEVÊDO, Brunna Ribeiro de. *Opinião no telejornalismo: como os apresentadores de TV aplicam a ideologia profissional em seus comentários*. 2014. 114 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- MALTA, Ana Teresa Alves. *Proximidade e afastamento: diferenças entre a entrevista pessoal e a distância*. 2015. 73 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- PANIAGO, Paulo. *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. Brasília, DF. Tese de Doutorado, UnB. 2008
- VIEIRA, Tainá Andrade. *Abertura silenciosa: série de perfis sobre escritores LGBT no DF*. 2016. 55 f., il. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Retrato. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=364>. Acesso em: 31 mar. 2013.
- LIMA, Edvaldo Pereira. A importância da descrição. 2005. Ensaio disponível em: <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20050411192740&category=ensaios&lang=>>
- LIMA, Edvaldo Pereira. Registros breves para uma história futura. 2003. Ensaio disponível em: <<http://www.abjl.org.br/detalhe.php?conteudo=fl20030902203904&category=ensaios&lang=>>

LLOSA, Mário Vargas. Jornalismo e criação: 'o plano americano'. 2013. Texto disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed747_jornalismo_e_criacao__o_plano_americano>

REBINSKI JUNIOR, Luís. Jornalismo Literário: a arte do fato? 2010. Ensaio disponível em: <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=3177>>

VILAS-BOAS, Sergio. A arte do perfil. 2008. Ensaio disponível em: <http://sergiovilasboas.com.br/ensaios/arte_do_perfil.pdf>

VILAS-BOAS, Sergio. Diretrizes para um perfil – Ao estilo jornalismo literário (ou narrativo) – 30 dicas. 2013. Ensaio disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/cursos/diretrizes-para-um-perfil/>>

VILAS-BOAS, Sergio. Feições de um perfil. 2012. Ensaio disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/cursos/feicoes-de-um-perfil/>>

VILAS-BOAS, Sergio. Perfil em jornais. 2009. Ensaio disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/blog/cursos/perfil-em-jornais/>>

BARRETO, André. *Um passo a frente*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/44/reportagens/rep_Gisèle_santoro.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CLEMENTE, Isabel. A missionária da dança. 2009. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2009/07/11/a-missionaria-da-danca/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

COSTA, Camila. Gisèle Santoro recebe título de cidadã honorária de Brasília. 2016. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/06/27/interna_cidadesdf,488095/Gisèle-santoro-recebe-titulo-de-cidada-honoraria-de-brasil.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2017.

De Gisèle mãe para Gisèle filha. 2013. Disponível em: <<https://agenciadancebrasil.wordpress.com/2013/06/27/de-gisele-mae-para-gisele-filha/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

GISELE SANTORO. Disponível em: <http://www.claudiosantoro.art.br/Santoro/Gisèle_santoro.html>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MAIA, Cecília. Balé Gisèle de exportação. Disponível em: <https://www.terra.com.br/istoegente/104/reportagem/Gisèle_santoro.htm>. Acesso em: 20 nov. 2017.

MOREIRA, Mariana. A dona do baile. 2014. Disponível em: <<http://vejabrasilia.abril.com.br/materia/gente/a-dona-do-baile/>> Acesso em: 20 nov. 2017.

PONCE, Diego de. Vinicius foi padrinho do casamento de Gisele Santoro com Oscar Castro Neves. 2013. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/cultura/2013/10/04/Cultura_Interna,391769/vinicius-foi-padrinho-do-casamento-de-Gisèle-santoro-com-oscar-castro-neves.shtml> Acesso em: 20 nov. 2017.